



EIXO 2: Territórios em Disputa
AS RURALIDADES DO MOVIMENTO SEM TETO DA BAHIA (MSTB)

Bruno Lara de Araujo
brunolaradearaujo@hotmail.com
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, GeografAR

Denílson Moreira de Alcântara
denilsonalcantara@gmail.com
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, GeografAR

RESUMO

O presente artigo traz reflexões sobre o cotidiano de duas ocupações do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), trazendo um recorte dentro dos processos que levam os diferentes sujeitos a virem morar dentro dessas ocupações. Ao se identificar traços rurais dentro destes territórios, esse trabalho irá buscar compreender os processos que originaram essas ruralidades. A partir da história de alguns de seus moradores tenta contribuir para a elucidação da ação desses sujeitos nos territórios do MSTB, o artigo também busca traçar paralelos entre a luta pela terra no campo e na cidade, para conseguir delimitar pontos de partida para se pensar a questão territorial tendo como base a questão agrária.

Palavras chave: Acesso à terra, ruralidades, ocupações urbanas.

O KILOMBO PARAÍSO E O KILOMBO MANUEL FAUSTINO

O presente artigo pretende analisar alguns aspectos da formação do Kilombo Paraíso e do Kilombo Manuel Faustino, duas ocupações do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB) localizadas no bairro de Peri Peri, próximos a estrada do Derba, em Salvador. A partir da ação dos sujeitos que ocupam, atribuindo novas funções as formas geográficas e transformando a organização do espaço nestas ocupações, que este trabalho pretende analisar os processos e funções que estes espaços adquirem em confronto com a sociedade atual (SANTOS,2006) e, desta maneira, contribuir para a reflexão e compreensão das formas de resistência das famílias sem teto do MSTB.

Situada nas proximidades do Hospital do Subúrbio, o Kilombo Paraíso é formado por cerca de 120 famílias, que ocupam um terreno próximo a Área de Preservação Ambiental (APA) Bacia do Cobre/ São Bartolomeu. As famílias estão nesta terra há 8 anos e atualmente vivem um momento delicado, uma vez que o governo do Estado está começando a negociação de um projeto habitacional para esta comunidade.

O Kilombo Manuel Faustino está localizado em um terreno que beira a mesma APA do Kilombo Paraíso. Localizada na beira da Estrada do Derba, essa ocupação é mais recente, sendo iniciada em fevereiro de 2016, mas vive um momento muito mais delicado do que sua

vizinha Paraíso, uma vez que corre na Justiça um mandado de reintegração de posse do terreno ocupado.

A APA Bacia do Cobre/ São Bartolomeu, localizada na borda oriental da Baía de Todos os Santos, possui uma extensão territorial de aproximadamente 1.134ha, sendo um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica do município de Salvador e uma importante reserva de água potável. Além disso, a área do Parque São Bartolomeu é uma referência para os cultos afro-brasileiros e seus atributos naturais formam um santuário. (INEMA,2001).

O MSTB é um movimento de luta por moradia que possui atuação em Salvador e em outras cidades do interior da Bahia há mais de uma década. A escolha das duas ocupações em questão para serem abordadas neste trabalho é decorrente dos diferentes e delicados processos pelos quais estes dois Kilombos estão passando.

Além disso, acredita-se que ao analisarmos as realidades dessas ocupações, pode-se encontrar um sistema de conceitos que ajudarão na interpretação da realidade global. (SANTOS, 2006). Dessa maneira, acreditamos que as ocupações suburbanas do MSTB muito têm em comum com as realidades e processos formativos dos subúrbios de Salvador.

MUITAS MEIRES NOS SUBÚRBIOS

Em uma oficina realizada no Kilombo Paraíso, pediu-se para que alguns moradores falassem um pouco do que sabiam sobre a história de seus antepassados. A partir disto, construíram-se em uma cartolina as árvores genealógicas das respectivas famílias contendo a data e o local de nascimento dos parentes que os sujeitos entrevistados conseguiam lembrar.

Com este material em mão é possível traçar as relações de parentesco existentes dentro da própria ocupação, uma vez que as famílias quando não possuem vínculo sanguíneo, apresentam relações de compadrio e outras interações fortes entre os núcleos familiares que, de alguma forma, constituem relações de parentesco e/ou proximidade. Além disso, também é possível entender um pouco da história de cada sujeito e os processos que os levaram a virem morar no subúrbio de Salvador.

A história de Dona Meire, como é conhecida uma moradora de Paraíso, é uma história parecida com boa parte dos moradores da ocupação: criada na zona rural de Acajutiba (BA), sua família migrou para Salvador em busca de melhores condições de vida. Morou muito tempo no Rio Sena, bairro do subúrbio ferroviário de Salvador, mas, na tentativa de conquistar sua casa própria, entrou para o MSTB no início da ocupação do Kilombo Paraíso. Dentro da luta por moradia já enfrentou muitas vezes a repressão policial, a falta de água e

insegurança e tantos outros obstáculos que fazem parte da realidade suburbana. Mas nem por isso se desanimou, continua há 8 anos esperando o momento em que terá sua casa própria.

A história da família de Dona Meire é uma história de resistência. E, sem dúvida, mereceria mais atenção da sociedade. Mas, como tantos outros sujeitos, ela está invisibilizada pelo Estado e para ele. O município Acajutiba (BA) possui alta concentração fundiária. Como nos indica a Tabela 1, o Índice de Gini, que é um índice utilizado para medir a concentração de algo, sendo mais próximo de 0 indicação de desconcentrado e, mais perto de 1 indicação de concentração, quando aplicado para concentração fundiária na área rural de Acajutiba irá nos revelar um nível alto de concentração de terras. Em série histórica, de 1960 a 2006, os valores não ficam abaixo de 0,812, o que é alto. (GEOGRAFAR,2010)

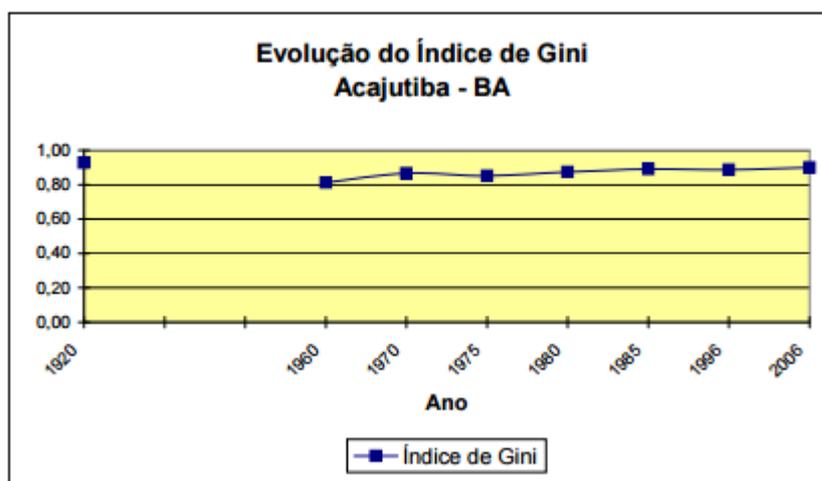


Tabela 1 – Evolução do índice de Gini em Acajutiba - BA

É neste sentido que podemos compreender a família de Dona Meire, como uma dentre as tantas famílias de migrantes que saem do campo por conta da pressão que a grande propriedade exerce sobre a pequena, impedindo ou dificultando as condições de produção e permanência na terra. Agora, quantas Meires existem nos subúrbios soteropolitanos? Pois na oficina se percebeu tratar de uma história comum, o que leva a perceber o processo que Dona Meira vive enquanto um exemplo da recorrente de expulsão de sujeitos do campo para a cidade.

A ação do Estado não se direciona para a construção da equidade social, muito pelo contrário, em função da natureza do modo de produção ela formata a desigualdade com a finalidade de manter as classes sociais. Neste sentido os pequenos proprietários são elemento dissonantes no processo agrícola brasileiro. A dissonância se dá em função da (re) existência camponesa que se mantém na terra e embora em uma área pequena, imprime trabalho sobre a

natureza, construindo cultura. Se por sua vez o capital irá se lançar sobre essas áreas buscando expropriar o pequeno produtor, seja com grandes projetos e intervenção direta, pela entrada de empresas, o que ocorre é um verdadeiro descaso com o pequeno proprietário em detrimento dos grandes fazendeiros. Apesar de haver mudanças no que se refere a políticas públicas para atender aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade no campo, como o Programa Bolsa Família e as linhas de crédito para o pequeno produtor no Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), por exemplo, muito pouco se mudou da estrutura fundiária na Bahia. Germani (2010) afirma que a estrutura da propriedade da terra representa a concretização no espaço da forma como os diferentes grupos atuam e se relacionam na sociedade. Por isso a análise da estrutura fundiária é importante para entendermos quais as relações sociais que estão sendo (re) produzidas) e (re) produzindo o espaço em questão.

AS FAMÍLIAS MIGRANTES DENTRO DO MSTB

Todo mês chegam nas ocupações do MSTB famílias com diferentes histórias de vida. Muitas delas, porém, possuem algo em comum: a origem rural. Seja do Recôncavo Baiano, ou como o atual governo prefere classificar, a Região Metropolitana de Salvador, ou dos sertões nordestinos, o que chama a atenção nestes sujeitos é a condição em que chegam no Movimento.

Se o quadro “Os retirantes”, ilustrado na figura 1, de Cândido Portinari, foi elaborado na década de 1940, em um período em que fortes secas ocorriam no interior do Brasil, ele ainda possui uma assustadora atualidade. Isto, porque nos revela a violência a qual estão submetidas as famílias que se veem obrigadas a migrar de suas terras natais em busca da sobrevivência.



Figura 1 – “Os retirantes” de Cândido Portinari

A família está carregada por uma atmosfera pesada. Parecem carregar a morte junto com eles. Repare nos urubus que estão presente na pintura e nas ossadas espalhadas ao longo do chão. São muitos filhos. As crianças que não estão magras ao ponto de mostrarem seus ossos por debaixo da pele estão com a barriga inchada por verminose. O velho possui aparência agonizante, parece estar tendo dificuldades para se locomover, por isso carrega um cajado. A filha adolescente ajuda a mãe com as crianças. O pai está abatido, o olho arregalado (ou estaria furado?), demonstra os horrores que presenciou nesta travessia e denúncia a violência ao qual a família está vivendo.

Portinari deforma os sujeitos para demonstrar a sujeição que estes vivem. A condição desses personagens muito se assemelha a condição de alguns dos sujeitos que procuram o MSTB como alternativa para viver em uma cidade. Algumas das violências que estas famílias estão submetidas são retratadas na pintura, mas existe uma figura que raramente encontraremos nas famílias sem teto: o pai. O MSTB, feita as devidas exceções, é um movimento composto, em sua maioria, por mães solteiras com seus filhos.

Se estas famílias, que migraram do campo em direção a uma cidade em busca de melhores condições de sobrevivência, possuem origem rural e passaram um período grande de sua vida nesse meio, teremos dentro das ocupações a reprodução de algumas características e relações do mundo rural nos espaços do MSTB, uma vez que os sujeitos enquanto reprodutores de seu significado, são também um veículo físico deste. (SANTOS, 2006).

A (RE) PRODUÇÃO DAS RURALIDADES DENTRO DAS OCUPAÇÕES

Em uma inclinação grande, vivem aproximadamente 120 famílias, exprimidas em um terreno que faz divisa com a APA Bacia do Cobre/ São Bartolomeu. Um curral com cerca de 30 cabeças de gado limita a comunidade com uma rua de terra que dá acesso ao Hospital do Subúrbio, no alto o Monte Sagrado, local que diversos cristãos realizam seus rituais, é uma espécie de transição entre o terreno ocupado e a APA.

Após diversas negociações a ocupação migrou de lugar algumas vezes até se consolidar onde hoje mantém seu território. Um dos acordos firmados era que os barracos não ficassem visíveis para o Hospital do Subúrbio, afinal de contas como um empreendimento daquele porte poderia ter sua imagem manchada por pessoas “daquele tipo”? O racionamento de água, o medo da chuva e a incerteza fazem parte do cotidiano de uma comunidade que há 8 anos espera conquistar o seu direito à moradia. Ao andar pela comunidade, pode-se ver que as criações de animais, como galinhas, cavalos e burros assim como os pés de fruta e plantas medicinais nos quintais, são recorrentes em vários barracos. Em um projeto realizado pelo Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) e pelo Núcleo de Estudos e Práticas e Políticas Agrícolas (NEPPA) a comunidade se mobilizou para iniciar uma roça coletiva que até hoje se mantém sob os cuidados de algumas famílias, que dividem tudo o que colhem nas plantações.

No Kilombo Manuel Faustino não é diferente, novamente um terreno inclinado com uma falha de cerca de 15 metros de altura é onde estão construídos os cerca de 36 barracos que abrigam as famílias que vivem na beira da Estrada do Derba. Os galinheiros, assim como a criação de porcos fazem parte do cotidiano da comunidade. Em uma parceria firmada com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) que contou com a mediação do NEPPA, foi iniciado um trabalho para a construção de uma horta comunitária próximo a uma das praças da ocupação.

São também recorrentes as proximidades nas relações entre seus moradores, que muitas vezes possuem relações de parentesco sanguíneo ou de compadrio. Dessa forma, pode-se perceber a formação de núcleos dentro das comunidades em que as pessoas são mais solidárias umas com as outras e se ajudam mutuamente dentro de seus processos de resistência. Quase sempre que um vizinho colhe de seu quintal, dá uma “força” para quem mora ao seu lado, afinal de contas a insegurança alimentar está presente dentro das ocupações do Movimento. Apesar de o Programa Bolsa Família ajudar muitas das pessoas que se encontram em situação de miséria, a realidade nos indica que a fome é um problema estrutural

de nossa sociedade (CASTRO, 1984), por isso nunca será resolvido por um programa de assistencialismo social.

A criação de galinha é bastante comum dentro dessas ocupações. Além dos ovos, a carne é complemento bom para a dieta das famílias. No Paraíso um curral é a fonte de adubo para as famílias plantarem, porém o fato de este se localizar na parte baixa do terreno, dificulta o transporte do material para a roça e para os barracos da ocupação. Além disso, a boiada caminha muitas vezes dentro das ruas, quebrando canos de ligação de água e destruindo as escadas e caminhos construídos pelos moradores. Um grupo de jovens é encarregado de colher capim na região para dar para os bois e aos cavalos. A criação de porcos no Kilombo Manuel Faustino ainda é incipiente, mas pretende fornecer carne de porco para as famílias que participam dos cuidados com o curral.

Estas características são recorrentes dentro das ocupações do MSTB nos subúrbios de Salvador. Ao se ater a estes fatores, é possível compreender os traços rurais dentro das ocupações na cidade de Salvador como parte dos processos de resistência das famílias ocupantes. É através da reprodução dos elementos presentes em seu local original de formação, que estes sujeitos encontraram saídas para os problemas cotidianos mais recorrentes nas suas rotinas dentro deste novo ambiente. Como muitas famílias vieram do campo, o que se presencia é a reprodução de certas ações e comportamentos comuns no meio rural dentro das ocupações dos subúrbios.

As iniciativas de produção, seja de roça ou de criação de animais, constituem um complemento na dieta de muitas famílias das ocupações, mas enfrenta muitas dificuldades, seja pela falta de água, dificuldade de transporte de adubo ou falta de uma política pública de incentivo, o que acaba por não ser suficiente para garantir a soberania alimentar das ocupações. Mesmo assim, o CEAS e o NEPPA foram bastante exitosos na construção deste projeto juntamente com o MSTB, uma vez que, por ser adequado a realidade do Kilombo Paraíso, teve seu trabalho continuado e protagonizado pelos moradores da ocupação. Ao ocupar um terreno na busca do direito à moradia, as famílias ocupantes ressignificam um espaço. A diversidade de processos que levam um sujeito a entrar para o MSTB, reflete a heterogeneidade que irão estar presentes nas ações e interações dos sem teto. Ao se identificar os processos que estão na base de sujeição de uma família na condição de sem teto, as atividades realizadas juntamente dessa comunidade devem ser no sentido de viabilizar a manutenção e capacitação do território que está sendo construído. Por isso, a roça comunitária é uma conquista de Paraíso realizada juntamente de suas acessórias e se mantém a partir de processos de resistências de algumas famílias que são centrais para a ocupação.

A parceria que o MSTB vem firmando com o MPA é também um grande passo para se pensar as relações campo-cidade de outra maneira. A construção da horta comunitária no Kilombo Manuel Faustino abre um espaço de discussão interessante dentro da própria ocupação, que também se mobiliza com a criação de animais, talvez mais um assunto que o MPA consiga ajudar a encontrar soluções.

Dentro dessas duas ocupações ocorre uma forma diferente de produção e consumo, uma vez que as relações estão estruturadas sob outras bases, em que a união horizontal acaba sendo um elemento central e fortalece os sujeitos em luta. É a partir do fortalecimento e construção dessas horizontalidades que se formará uma coesão que esteja a serviço da sociedade, sendo a base de uma sede de resistência: o lugar. (SANTOS,2006) São as relações de vizinhança e de solidariedade dentro das comunidades que acabam por forjar as bases da construção de uma vida comum, em que os indivíduos encontram no outro um suporte para o processo de enfrentamento e reprodução do território constituído.

TERRA, TERRITÓRIO E ESTADO

Durante a abertura do Simpósio Rural e Urbano (SINARUB) realizado na UFBA em novembro de 2016, o geógrafo Ruy Moreira discursou sobre uma tríade que sustenta o processo de concentração de fundiária em nosso país. Uma terra que produz commodities para o agronegócio não é qualquer terra, mas território da bancada ruralista, que irá movimentar todo o aparato burocrático do Estado para fazer valer seus interesses. Neste sentido, os sujeitos que estão fora da cadeia produtiva do agrobusiness acabam por enfrentar toda uma estrutura que muitas vezes acaba por forçar-los a abandonar suas propriedades.

No governo do Partido dos Trabalhadores, a área dos latifundiários cresceu nos dois mandatos de Lula 62,8%, quase o dobro do que cresceu durante a ditadura militar e cinco vezes mais do que o governo FHC (OLIVEIRA,2015). Sendo assim, apesar das políticas assistencialistas, como o Programa Bolsa Família, o Programa Luz Para Todos e as linhas de créditos para os pequenos produtores no Pronaf, por exemplo, a produção do espaço continua a pressionar camponeses a abandonarem suas terras e seguirem rumo as grandes cidades. Não adianta mexer nas estruturas, é preciso alterar os processos e a migração do campo para a cidade é ainda uma realidade de muitos trabalhadores rurais.

Acontece que nas grandes cidades, sendo Salvador um exemplo de muitos, não existe uma economia forte o suficiente para gerar emprego para todas essas pessoas que, por falta de condições vão morar em situações precárias. O MSTB é um, dentre tantos movimentos na luta

por moradia digna, que defende que esse direito não irá ser concretizado com um programa gerido pelas empreiteiras como o Minha Casa, Minha Vida, uma vez que a moradia é um problema estrutural do capitalismo (MSTB,2016).

Da mesma forma que a tríade terra, território e Estado é aplicada no campo, ela serve para interpretarmos as realidades urbanas e suburbanas. Um terreno de interesse de construtoras como a OAS, Camargo Côrrea e Odebrecht, para citar alguns exemplos de grandes construtoras, não são quaisquer terrenos, mas territórios de interesses de gente do mais alto escalão do governo federal, o que implicará na movimentação do aparato burocrático do Estado todo a seu favor. Afinal de contas, a Operação Lava Jato não está nos mostrando que são justamente estas empresas que financiam esquemas de propinas entre os parlamentares dos maiores partidos de nosso país? Agora, quais meios jurídicos e burocráticos estarão a favor desses sujeitos embrenhados nas vielas e morros dos subúrbios de Salvador? Sem dúvida se trata de uma disputa em que os dois lados possuem pesos diferentes.

Em oito anos de construção do Kilombo Paraíso, as famílias enfrentaram a repressão da polícia, o tráfico, a falta de água e tanto outros obstáculos que não foram maiores do que a resistência desse pessoal na luta por melhores condições de vida. O governo do Estado da Bahia chegou com um projeto habitacional pronto e negocia individualmente com cada núcleo familiar, na tentativa de quebrar a unidade do grupo. Ninguém foi consultado sobre como seria realizada a obra e como seriam as casas. Quem projetou o conjunto habitacional provavelmente nem conhece as famílias que vão morar lá, nem como vivem e se relacionam dentro da ocupação. A moradia, que é um direito garantido pelo artigo 6º da Constituição de 1988, é tratada como um favor que o Estado estaria realizando para essa comunidade.

É por isso que “O jantar brasileiro” de Jean Baptiste Debret, na figura 2, nos faz refletir sobre as condições em que negociações ao qual estão sendo submetidas essas famílias. Esse artista, formado durante a Revolução Francesa, é escolhido pela corte portuguesa para integrar a missão artística que originaria a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Ao chegar no Brasil escravagista do século XIX, Debret, considerado a figura central dessa missão, acaba por produzir obras sobre o cotidiano da realidade brasileira desse período.



Figura 2 – “O jantar brasileiro” de Jean Baptiste Debret

Fazendo uma analogia, a família sentada na mesa é a representação dos banqueiros, empreiteiras e grandes empresários, os escravos em pé atrás deles, são os representantes do Estado, fazendo de tudo para agradar os interesses de quem está enchendo a barriga e de braços cruzados para a realidade do povo brasileiro, que, faminto, devora as migalhas que lhes concedidas. Essas migalhas são as políticas públicas, concedidas com muito custo e esforço da população brasileira. Ainda, são tratadas tratada como um favor do Estado e dos empresários com a população, mas jamais será suficiente para encher a barriga desse povo faminto. Essa fome, de educação, moradia, saneamento e tantos outros direitos historicamente negados para a maior parte dos povos brasileiros, só será saciada quando estes sujeitos conseguirem sentar na mesa junto desse casal e o assunto do jantar for as políticas que dirão respeito sobre o futuro de suas vidas. Só assim, quando o povo estiver decidindo sobre seu próprio futuro, é que teremos mudanças substanciais na realidade brasileira.

CONCLUSÃO

O processo constante de expulsão da população do campo é uma realidade muito comum no espaço agrário brasileiro. A concentração de terras, a falta de infraestrutura e das mínimas condições para uma vida de qualidade no campo são fatores que sustentam essa situação caótica que vivemos, em um processo silencioso que cada vez mais empurra a população rural na direção das cidades, pois é o lugar que concentra uma quantidade maior de

serviços. A análise do espaço geográfico deve estar enquadrada em um contexto de totalidade, em que a análise da relação campo-cidade é uma condição para esse processo de reflexão. (GERMANI, 2006)

Se a terra é uma mediadora entre interesses antagônicos, onde de um lado está o Estado aliado ao grande capital e do outro, os movimentos sociais, a espacialização-territorialização dos processos de luta contribuem para explicitar as relações de força de nossa sociedade. Neste sentido, a questão territorial será o denominador comum dos grupos sociais em sua luta para entrar e/ou permanecer na terra. (GERMANI, 2010)

É por isso que a ideia de aliança camponesa-operaria quando trazida para a prática cotidiana dos sujeitos em luta deve levar em conta a luta pela construção e manutenção dos territórios no campo e na cidade. Afinal, não seriam pautas comuns das ocupações sem teto de Salvador, das terras indígenas, dos quilombos e das ocupações sem-terra no campo a insegurança hídrica, alimentar, energética, o desemprego, a falta de transporte, e tantos outros tópicos referentes ao funcionamento destes territórios que preencheriam dezenas de páginas? Então a importância de estudarmos e os processos que levam os sujeitos a irem morar nas ocupações de um movimento de luta por moradia urbana, está em buscar compreender a complexidade das relações campo-cidade aos quais esses sujeitos estão submetidos.

Os sem teto com origens rurais não representam a totalidade dos moradores das ocupações urbanas, mas uma parcela significativa. Ao se identificar esses sujeitos e reconhecer seus processos de resistência dentro desses territórios, pretende-se contribuir para o fortalecimento da ação dos mesmos na construção desses espaços contra hegemônicos, além de ser uma porta de entrada para se estabelecer relações com outros movimentos sócio territoriais.

Ao serem expulsos do campo e não encontrarem condições dignas de sobrevivência nas grandes cidades, esses migrantes se veem obrigados a morar em condições precárias e (re) produzem ruralidades para driblar as dificuldades de seu cotidiano. Eles carregam com sua existência um conhecimento tradicional que está sendo apagado por um projeto que é claramente político. A necessidade de fortalecer e fomentar a iniciativa desses sujeitos é uma via de resistência que precisa receber mais atenção, uma vez que esses sujeitos, assim como a destruição de seus sistemas de conhecimento, são invisibilizados por uma sociedade que está cada vez mais carente de valores humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Geografia dos Assentamentos na Área Rural – GeografAR. **Tabela do Índice de Gini para concentração fundiária nos municípios da Bahia - 2010**, disponível na página www.geografar.ufba.br, consultada em 02/07/2016.

CASTRO, Josué de. **A Geografia da Fome**, Edição Antares, Rio de Janeiro, 1984.

DEBRET, Jean Baptiste. *Um jantar brasileiro*. 1827. 1 original de arte, arte sobre tela, 40 cm x 50 cm. Disponível em **Debret e a missão artística francesa no Brasil**.

GERMANI, Guiomar I. **Questão agrária e movimentos sociais: a territorialização da luta pela terra na Bahia**. In: COELHO NETO, A. S.; SANTOS, E. M. C. e SILVA, O. A. (Org.). (GEO) grafias dos movimentos sociais. Feira de Santana (BA): UEFS Editora, 2010, v., p. 269-304.

GERMANI, Guiomar Inez, **Condições históricas e sociais que regulam o acesso à terra no espaço agrário brasileiro**, GeoTextos, vol. 2, n. 2, 2006. p.115-147

INEMA. **Apa Bacia do Cobre/ São Bartolomeu**. Disponível em <http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-bacia-do-cobre-sao-bartolomeu/>

MSTB. **A luta pela cidade e a construção das comunidades do Bem Viver**. Cartilha produzida pelo movimento em 2016.

PORTINARI, Cândido. *Os retirantes*. 1944. 1 original de arte, arte sobre tela, 40cm x 50 cm. Disponível em <http://www.doispensamentos.com.br/site/?p=61>.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço**, Edusp, São Paulo, 2006.